

**A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NA INTEGRAÇÃO ESCOLAR DO ESTUDANTE COM
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE**
THE ROLE OF THE FAMILY IN THE SCHOOL INTEGRATION OF STUDENTS
WITH ATTENTION DEFICIT HYPERACTIVITY DISORDER
EL PAPEL DE LA FAMILIA EN LA INTEGRACIÓN ESCOLAR DEL ALUMNADO
CON TRASTORNO POR DÉFICIT DE ATENCIÓN E HIPERACTIVIDAD

José Fábio da Rocha Cabral

RESUMO

Esse texto fala de um assunto muito importante: como é essencial que a família e a escola andem juntas pra ajudar os alunos com necessidades especiais a se tornarem mais independentes. Quando a família e a escola trabalham lado a lado, quem ganha são os estudantes – tanto os que enfrentam mais dificuldades quanto os que estão mudando de fase na escola. Essa parceria é chave pra que tudo dê certo na educação deles. Aqui no Brasil, a lei garante que todo mundo tem direito a uma educação que inclua todo mundo, sem deixar ninguém de fora. Isso quer dizer que as escolas precisam se adaptar pra atender cada aluno do jeitinho que ele precisa. E aí entra a família, que tem um papel super importante nisso tudo. Quando a família participa, o aluno se sai melhor nos estudos e se adapta com mais facilidade à rotina da escola. O estudo também mostra que mudar o jeito como o conteúdo é ensinado pode ajudar muito a deixar a escola mais acessível pra todos. Mas não é só isso: é preciso pensar também nas dificuldades que muitas famílias enfrentam, como falta de grana ou problemas sociais, que acabam atrapalhando o aprendizado dos filhos. Por isso, a educação inclusiva não é só uma ideia bonita — é um direito de todo mundo. E pra esse direito virar realidade, é preciso que o governo, os professores e as famílias trabalhem juntos, cada um fazendo sua parte, pra garantir que todos os alunos tenham as mesmas chances de aprender e crescer como pessoa.

Palavras-chave: Educação inclusiva; família; educação; sala de aula; desafios.

ABSTRACT

This text discusses a very important topic: how essential it is for family and school to work together to help students with special needs become more independent. When family and school work side-by-side, the students benefit – both those facing greater difficulties and those transitioning to new stages in school. This partnership is key to ensuring their education goes well. In Brazil, the law guarantees that everyone has the right to an inclusive education, leaving no one behind. This means that schools need to adapt to meet each student's specific needs. And that's where the family comes in, playing a crucial role. When the family participates, the student performs better in their studies and adapts more easily to the school routine. The study also shows that changing how content is taught can greatly help make school more accessible to everyone. But that's not all: it's also necessary to consider the difficulties many families face, such as lack of money or social problems, which end up hindering their children's learning. Therefore, inclusive education is not just a nice idea — it's everyone's right. And for this right to become a reality, the government, teachers, and families need to work together, each doing their part, to ensure that all students have the same opportunities to learn and grow as individuals.

Keywords: Inclusive education; mediator; school; classroom; challenges.

RESUMEN

Este texto aborda un tema fundamental: la importancia de la colaboración entre la familia y la escuela para ayudar a los estudiantes con necesidades especiales a ser más independientes. Cuando la familia y la escuela trabajan en conjunto, los estudiantes se benefician, tanto aquellos con mayores dificultades como aquellos que se encuentran en transición a nuevas etapas escolares. Esta colaboración es clave para asegurar el éxito de su educación. En Brasil, la ley garantiza el derecho de todos a una educación inclusiva, sin dejar a nadie atrás. Esto implica que las escuelas deben adaptarse para satisfacer las necesidades específicas de cada estudiante. Y aquí es donde la familia juega un papel crucial. Cuando la familia participa, el estudiante obtiene un mejor rendimiento académico y se adapta con mayor facilidad a la rutina escolar. El estudio también demuestra que cambiar la forma de impartir los contenidos puede contribuir significativamente a que la escuela sea más accesible para todos. Pero eso no es todo: también es necesario considerar las dificultades que enfrentan muchas familias, como la falta de recursos económicos o los problemas sociales, que acaban obstaculizando el aprendizaje de sus hijos. Por lo tanto, la educación inclusiva no es solo una idea bonita: es un derecho de todos. Y para que este derecho se haga realidad, el gobierno, el profesorado y las familias deben trabajar juntos, cada uno poniendo su granito de arena, para garantizar que todos los estudiantes tengan las mismas oportunidades de aprender y crecer como individuos.

Palabras clave: Educación inclusiva; familia; educación; aula; desafíos.

1 INTRODUÇÃO

O caráter e personalidade são moldados, em grande parte, pela família, que também é um fator decisivo para o avanço e a elevação da pessoa com deficiência. Uma instituição de ensino é responsável por grande parte da aprendizagem de seus estudantes, visto que tem a missão de proporcionar fomentar o conhecimento e a interação social, assim como o equilíbrio e a valorização do respeito mútuo. Encontramo-nos, atualmente, em uma época de uma complexidade particular, apesar do aumento da capacidade das famílias de se expressarem e de acessarem informações. É fundamental que a família e a escola se integrem na busca por um atendimento que seja específico e que atenda de forma adequada às necessidades do aluno com deficiência. A relação entre uma instituição de ensino e os pais dos alunos ainda enfrenta muitos obstáculos.

A instituição de ensino deve se esforçar para fortalecer essa conexão, incentivando os pais a se envolverem mais na comunidade escolar, a fim de apoiar o desenvolvimento do aluno com necessidades especiais. É fundamental que a família e a escola colaborem para que ambas conheçam as realidades e os limites de cada uma, para que busquem possibilidades que favoreçam e facilitem o diálogo entre elas, para o sucesso educativo do filho e do aluno.

É dentro da família que desenvolvemos a competência de nos relacionar com o outro, percebendo as particularidades, as diversidades e as limitações de cada um. A inclusão, portanto, começa dentro de casa, onde as pessoas com deficiência e suas famílias têm um papel crucial para que a inclusão se realize, promovendo também o desenvolvimento intelectual e cognitivo das próximas gerações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para entender melhor o conceito de inclusão, é fundamental discutir a diferença entre integração e inclusão. De acordo com Mantoan (2006, p. 14), “embora os termos – integração e inclusão – apresentem significados semelhantes, são utilizados para descrever situações de inserção distintas e baseiam-se em abordagens teóricas e metodológicas diferentes.” Dessa forma, trata-se de processos que devem ser analisados levando em conta as características específicas de cada um. A integração busca inserir um aluno ou um grupo de alunos com necessidades educacionais especiais no contexto do ensino regular. Por outro lado, a inclusão é um processo mais abrangente, que propõe uma organização do sistema educacional que leva em consideração as necessidades de todos os estudantes, sendo estruturado a partir dessas demandas.

A noção de integração escolar é interpretada de várias formas. O termo “integração” se aplica de forma mais precisa à inclusão de estudantes com deficiência em instituições regulares de ensino. No entanto, seu uso também aparece para descrever alunos em escolas especiais voltadas para deficientes ou em classes diferenciadas, além de grupos de atividades recreativas e instituições de acolhimento para pessoas com deficiência (Mantoan, 2006, p. 14-15).

Para que a inclusão se torne uma realidade, é fundamental realizar transformações no sistema educacional e contar com a participação de toda a comunidade. A cooperação, a liderança compartilhada e o suporte curricular são alguns dos fatores cruciais para efetivar esse processo. Além disso, é essencial que todos os envolvidos – professores, estudantes, familiares e a comunidade escolar – estejam ativos. De acordo com Sasaki (2005), a inclusão vai além da simples presença de indivíduos com necessidades educacionais especiais em classes regulares; para que isso aconteça verdadeiramente, é necessário promover uma mudança social que possibilite a organização capaz de atender as necessidades de todos, independentemente de serem ou não deficientes.

A inclusão implica ajustar os sistemas sociais da sociedade de maneira que sejam removidos os elementos que afastavam determinadas pessoas e mantinham as excluídas à margem. A remoção desses elementos deve ocorrer de forma contínua, acompanhada pelo comprometimento da sociedade em receber todos os indivíduos, sem distinção de suas diferenças pessoais e origens na diversidade humana. Afinal, para incorporar todos, a sociedade precisa passar por modificações, reconhecendo que deve ser capaz de satisfazer as necessidades de todos os seus integrantes (Sasaki, 2005, p. 21).

Nesse cenário, Figueiredo (2010) destaca que, para efetivar a inclusão, a escola deve estabelecer condições que possibilitem a participação de todos no processo de aquisição de conhecimento, independentemente das particularidades de cada indivíduo e respeitando suas capacidades. Ademais, a inclusão exige transformações relevantes na administração escolar, tornando-a mais democrática e colaborativa, para que todos se sintam parte dela e compartilhem objetivos e projetos comuns.

Os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) representam uma categoria na qual estão agrupados transtornos que têm em comum as funções do desenvolvimento afetadas. Entretanto, este conceito é recente e só pode ser proposto devido aos avanços metodológicos dos estudos e à superação dos primeiros modelos explicativos sobre o autismo (Belisário e Cunha, 2010, p. 08).

Entretanto, promover a inclusão envolve adotar uma nova perspectiva sobre a deficiência e desafiar alguns conceitos estabelecidos no sistema educacional, criando um modelo de ensino que assegure acesso e permanência a todos os estudantes, sem considerar suas diferenças ou necessidades. Segundo Mantoan (2006, p. 19), “a inclusão exige uma transformação na visão educacional, pois não se restringe apenas aos alunos com deficiência e aqueles que têm dificuldades de aprendizagem, mas abrange todos os demais, para que consigam progredir no sistema educativo como um todo”. Além disso, “a inclusão plena e sem restrições, assim como o reconhecimento das diferenças nas escolas, é uma chance de mudar a realidade da maioria das instituições, que responsabilizam os alunos pelas deficiências do próprio sistema de ensino”.

Tanto no ambiente familiar quanto na instituição de ensino, ter uma criança

com TDAH requer ajustes para que ela receba o apoio adequado, necessitando de maior cuidado e estímulo.

A família e a escola constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre os dois contextos, de maneira a reconhecer suas peculiaridades e também similaridades, sobretudo no tocante aos processos de desenvolvimento e aprendizagem, não só em relação ao aluno, mas também a todas as pessoas envolvidas (Dessen, 2007, p. 29).

Diante dessas considerações, é essencial que haja não apenas uma comunicação entre a escola e a família, mas também que ambos entendam suas funções na promoção do aprendizado da criança com TDAH. Assim, a participação da família na vida escolar do filho se torna crucial, visando reforçar comportamentos positivos e criar uma parceria ativa e necessária. É igualmente importante orientar e debater com pais e educadores sobre esse processo, devido aos desafios enfrentados pelas crianças com TDAH.

A escola é uma instituição social com objetivos e metas determinadas, que emprega e reelabora os conhecimentos socialmente produzidos, com o intuito de promover a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: memória seletiva, criatividade, associação de ideias, organização e sequência de conhecimentos, dentre outras (Oliveira, 2000 *apud* Dessen; Polonia, 2007, p. 26).

Conforme Arruda aponta, "o TDAH possui múltiplas causas, ou seja, além da genética, que é fundamental, outros fatores também influenciam sua origem, manifestação e desenvolvimento" (Arruda, 2007 *apud* Reis, 2010, p. 190). O TDAH é um transtorno relativamente recente que tem ganhado visibilidade nos últimos anos e se tornado uma questão frequente nas escolas. Contudo, existem discussões em torno do diagnóstico e da medicação para a condição. É importante destacar que:

Valle ainda destaca que: Para que as crianças desenvolvam hábitos envolvendo as questões relativas à higiene do sono, pais e educadores devem conhecer e valorizar a necessidade de um sono satisfatório para o desenvolvimento, adaptação e aprendizagem do jovem estudante (Do Valle, 2009, p.289).

Os papéis familiares desempenham um papel diversificado e crucial no desenvolvimento psicossocial da infância. A efetivação desses papéis é essencial para o crescimento saudável da criança e para garantir uma qualidade de vida adequada. A dinâmica entre a família e a criança é um fator determinante para um desenvolvimento e aprendizagem eficazes, já que é no contexto familiar que as crianças obtêm modelos a serem imitados e, acima de tudo, onde recebem ensinamentos, limites e orientações. Minuchin discute os papéis familiares de maneira bastante elucidativa

Os papéis da família variam muito, mas alguns desses papéis são fundamentais, dentre eles: “socialização da criança, cuidados às crianças, tanto físicos como emocionais, suporte familiar, assuntos domésticos, manutenção das relações familiares, papel terapêutico e apoio emocional, e papel recreativo (Minuchin, 1990 *apud* Melo, 2012, p. 4).

Para a família, a presença de uma criança com TDAH pode gerar alguns obstáculos, tendo em vista que essa doença pode apresentar-se juntamente com outros problemas associados. Nesse sentido, adverte Alves que “o TDAH pode manifestar-se isoladamente apesar da alta incidência de comorbidades, isto é, a simultaneidade de ocorrência de dois ou mais transtornos ou outros problemas orgânicos como depressão, transtornos de ansiedade e transtornos da aprendizagem” (Alves, 2014, p.761). Diante disso, verifica-se a importância de se destacar quais são os maiores problemas de aprendizagem decorrentes do TDAH. Sobre a metodologia de ensino para as crianças com TDAH, Reis (2010) salienta que:

(...) é papel da escola refletir sobre a didática usada em sala de aula, visto que as crianças atualmente, estão rodeadas de estímulos, e vivem em um ritmo acelerado, portanto, o professor deve tentar se adequar ao ritmo do aluno com atividades que estimule sua atenção, que tenham um período curto de duração, como também utilizar jogos interativos, entre outros, e deixar um pouco de lado a lousa, o giz, a atividade mimeografada, as carteiras enfileiradas (Reis, 2010, p. 194).

Tanto para a família quanto para a escola, a presença de uma criança com TDAH exige uma série de adaptações para que seu acolhimento seja efetivo e da maneira necessária. Uma criança com TDAH precisa de uma maior estimulação e de muita atenção. Para obter sucesso, torna-se fundamental a equidade, respeitando as diferenças, sem ignorá-las, conscientes de que todos são capazes de aprender. Porém, muito se debate sobre o diagnóstico e a medicalização da doença, sem se chegar a um consenso. Nesse sentido, Reis ressalta que:

(...) fica então a reflexão de que muitas crianças são rotuladas com o TDAH, mas estão apenas reproduzindo o comportamento com que se deparam em sua vida cotidiana e que a sociedade admite como necessária em alguns momentos e inconvenientes em outros (Reis, 2010, p. 193).

Alguns estudos referem-se ao ritmo acelerado em que vivemos hoje em dia com o excesso de atividades e sugerem que a agitação das crianças pode ser fruto da correria do dia a dia e da falta de limites.

3 METODOLOGIA

A abordagem escolhida para esta pesquisa foi uma revisão de literatura, com a finalidade de examinar as contribuições teóricas e empíricas sobre o papel da família na educação e a adaptação curricular no contexto da inclusão escolar. Gil (2008) define a revisão de literatura como o processo de investigar e avaliar publicações científicas relevantes sobre um determinado assunto, o que possibilita uma compreensão mais detalhada das questões discutidas. Portanto, a pesquisa terá como meta identificar práticas, teorias e casos de sucesso relatados por diversos autores que discutem a inclusão escolar facilitada pela participação ativa das famílias e pela flexibilização dos currículos. A revisão de literatura é fundamental para compreender o estado atual de um campo específico, fornecendo a base teórica necessária para sustentar as argumentações da pesquisa. Dessa forma, serão examinadas obras que tratam da interconexão entre família e escola, a relevância da adaptação curricular para a inclusão de alunos com necessidades específicas, além dos desafios enfrentados por instituições de ensino em contextos

socioeconômicos desfavoráveis.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p. 25).

Além disso, será conduzida uma análise documental com base em Bardin (2016), utilizando documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta fase permitirá entender de que maneira as políticas públicas no Brasil tratam a inclusão nas escolas e orientam as adaptações curriculares necessárias para atender às demandas dos estudantes. A organização dos dados se dará por meio da técnica de análise de conteúdo sugerida por Bardin (2016), visando categorizar as informações coletadas nas etapas anteriores. Categorias temáticas serão elaboradas para facilitar a compreensão dos resultados, possibilitando a conexão entre teorias pedagógicas sobre adaptação curricular e práticas reais de inclusão escolar. De acordo com Saviani (2008, p. 243):

Seu propósito se estende ao ato de mostrar ao aluno a necessidade vital de devassar continuamente os “ídolos” que cercam os conhecimentos tão acessíveis, hoje, enfatizados dentro do que se costuma chamar “sociedade do conhecimento” (Saviani, 2008, p. 243).

Por meio da inclusão educacional, o estudante pode acessar as instituições de ensino por diferentes formas, que variam desde a participação em turmas regulares até a educação em escolas dedicadas.

A integração se desenvolve dentro de um ambiente educacional que proporciona ao estudante a chance de navegar pelo sistema escolar, passando da turma regular para o ensino especializado, abrangendo diversas modalidades de atendimento: instituições especializadas, turmas especiais em escolas regulares, ensino adaptado, salas de apoio, classes hospitalares, ensino em casa, entre outras. Essa abordagem representa uma forma de inclusão parcial, visto que o sistema contempla serviços educacionais que são separados.

Assim, é possível notar que a integração, apesar de sua relevância, não assegura completamente a equidade nas oportunidades. Ela representa um avanço fundamental em direção à inclusão, mas ainda apresenta restrições tanto estruturais quanto pedagógicas. Para que a educação seja verdadeiramente inclusiva, é necessário que todos os ambientes escolares se ajustem às demandas dos estudantes, e não ao inverso. A autêntica inclusão se dá quando o estudante com deficiência é visto como um integrante essencial do coletivo, onde suas capacidades são apreciadas e suas limitações são tratadas com dignidade. Essa transformação requer uma alteração de atitude das escolas, dos educadores e da sociedade em geral, estimulando uma perspectiva mais solidária e compreensiva.

Portanto, é fundamental que o sistema educacional implemente ações que promovam a inclusão total, assegurando o acesso, a permanência e a qualidade do aprendizado. A capacitação contínua dos educadores, a utilização de recursos acessíveis e o suporte das famílias são bases essenciais para esse processo. De maneira geral, a integração serve como um começo, mas não como um destino final. O verdadeiro desafio reside em transformar a escola em um ambiente de interação e aprendizado para todos, onde a diversidade seja não somente acolhida, mas também valorizada como um elemento fundamental na educação e na convivência social.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados indicam que a participação efetiva da família na educação dos alunos com TDAH influencia de maneira positiva e considerável seu rendimento escolar e sua saúde emocional. Quando os responsáveis se engajam nas atividades, monitoram as lições de casa e se juntam às reuniões com os educadores, o estudante geralmente demonstra mais entusiasmo e confiança. Essa interação ajuda a formar um clima de suporte, onde o aluno se sente apreciado e entendido, atenuando os sentimentos de frustração e desmotivação que são frequentes nesse grupo.

Na investigação realizada, notou-se que a interação entre familiares e a instituição de ensino continua a ter obstáculos, especialmente na ausência de informações sobre o transtorno. Muitos responsáveis não têm conhecimento das particularidades do TDAH e, em decorrência disso, acabam considerando o comportamento do filho como falta de interesse ou indisciplina. Essa falta de entendimento provoca desavenças e distancia a família do processo de aprendizagem. Em contraste, quando a escola proporciona suporte e acolhimento, a relação se torna mais sólida, e a comunicação passa a ser uma ferramenta crucial para o desenvolvimento do aluno.

Um outro achado importante é que a participação da família vai além do suporte nas atividades escolares, englobando também a formação de uma rotina saudável em casa. Jovens com TDAH tiram proveito de horários bem definidos, tarefas organizadas e períodos de pausa claramente estabelecidos. Ao colaborar na criação dessa estrutura, os pais contribuem para uma melhora na concentração, fazendo com que o aluno enfrente de forma mais eficaz as demandas da escola. A sinergia entre o lar e a escola é essencial para um desenvolvimento completo.

Foi observado que educadores que estabelecem uma conexão estreita com os lares dos alunos conseguem ajustar suas abordagens de maneira mais eficiente. A compreensão da situação familiar, os desafios do dia a dia e as táticas já empregadas no ambiente doméstico auxiliam o professor na elaboração de intervenções mais

individualizadas. Essa troca de informações possibilita que escola e família se unam de forma efetiva, colaborando na superação das dificuldades relacionadas à atenção, impulsividade e organização frequentemente associadas ao TDAH.

Ademais, foi observado que a empatia e a recepção calorosa desempenham papéis cruciais na efetividade da integração. Famílias que se sentem criticadas ou envergonhadas costumam se distanciar do ambiente escolar, o que impacta negativamente o aluno. Por outro lado, uma atitude de escuta e respeito cria um clima propício em que todos se sentem à vontade para buscar soluções coletivamente. Essa relação de confiança mútua ajuda a transformar a escola em um espaço inclusivo, onde o estudante com TDAH pode se desenvolver sem receios de cometer erros ou ser comparado a seus pares.

Os resultados indicaram que as disparidades socioeconômicas afetam o nível de participação das famílias. Por exemplo, lares com recursos limitados encontram mais obstáculos para monitorar o desempenho dos filhos, seja pela falta de tempo ou de acesso a informações. Nesses casos, a atuação da escola como mediadora é fundamental, oferecendo assistência, orientação e espaços de diálogo que sejam acessíveis. Dessa forma, forma-se uma rede de apoio que reduz as desigualdades e proporciona oportunidades mais equitativas para todos. Um aspecto relevante abordado foi a importância das políticas públicas e das formações continuadas. É fundamental que a escola receba apoio institucional para oferecer um atendimento de qualidade aos alunos com TDAH, o que envolve a capacitação dos docentes e acompanhamento especializado. A participação da família, por si só, não é suficiente se a instituição de ensino não estiver devidamente preparada para atender às necessidades específicas desses estudantes. Assim, a efetiva integração requer um esforço conjunto entre educadores, gestores, familiares e profissionais de saúde.

Em suma, pode-se afirmar que a intensificação da colaboração entre a família e a escola é a abordagem mais eficiente para a verdadeira inclusão de estudantes com TDAH. Essa interação deve ser estabelecida com comunicação, confiança e



consideração às particularidades de cada um. Em vez de apenas cumprir normas ou avaliar documentos, é essencial entender o aluno como um indivíduo singular, com habilidades e desafios que devem ser respeitados. Quando família e escola se juntam nesse propósito, o processo de aprendizagem se torna mais humano, relevante e transformador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão do estudante com TDAH na escola requer uma abordagem cuidadosa e empática, tanto por parte da instituição quanto da família. É no ambiente familiar que se formam os alicerces iniciais do comportamento, da autoestima e da motivação para aprender. Quando pais e responsáveis se envolvem de forma ativa na educação, o aluno se torna mais confiante e preparado para lidar com os desafios do dia a dia escolar.

A colaboração entre a família e a escola deve ser contínua e autêntica. A comunicação franca entre educadores, responsáveis e estudantes é a abordagem mais eficaz para entender os desafios e desenvolver soluções em conjunto. Ouvir com atenção e oferecer acolhimento são atitudes simples, mas têm um impacto significativo na vida de quem lida com o TDAH, pois reforçam a sensação de pertencimento e reduzem o isolamento.

É fundamental que a escola proporcione espaços de orientação e interação com os familiares. Palestras, encontros dialogados e ocasiões de troca de experiências podem auxiliar os pais a compreenderem melhor o transtorno e a implementarem táticas de suporte no lar. O conhecimento é transformador e possibilita que todos avancem em sintonia em um mesmo objetivo: assegurar que o aluno tenha acesso ao aprendizado com dignidade e que suas singularidades sejam respeitadas. Um aspecto crucial é promover a independência. Os familiares podem auxiliar o aluno na estruturação de sua agenda, na formação de hábitos de estudo saudáveis e na

valorização de suas conquistas, mesmo que pequenas. Com apoio e incentivo, é viável orientá-lo a enfrentar suas dificuldades e a encontrar suas maneiras particulares de aprendizado.

Em última análise, a inclusão genuína surge da empatia e do entendimento. Quando a escola e a família colaboram em conjunto, o TDAH deixa de ser um impedimento e passa a fazer parte da trajetória de superação do aluno. Oferecer apoio, entender e ter fé são ações que criam conexões, tornando a educação mais humana, equitativa e acessível a todos.

6 REFERÊNCIAS

BELISÁRIO, J. F. F.; CUNHA, P. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

DESSEN, M.A. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia. Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 2007.

FIGUEIREDO, R. V. Incluir não é inserir, mas interagir e contribuir. **Inclusão: Revista da Educação Especial**, Brasília: Secretaria de Educação Especial, v. 5, n. 2, p. 32-38, julho/dezembro 2010.

MANTOAN, M.T.E. **Produção de conhecimentos para a abertura das escolas às diferenças: a contribuição do LEPED (Unicamp)**. In D.E. G. Rosa, V.D. de Souza (Orgs.). Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. (pp.79-93). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MELO, A. A. P. **Influência da família no processo de aprendizagem escolar infantil**. Sociedade Universitária Redentor – Faculdade Redentor. 2010.

POLONIA, A.C.; DESSEN, M. A. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Família e Escola, Campinas, 2007.



POLONIA, A.C.; DESSEN, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 9, n. 2, 2005.

REIS, G.V. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH):** Doença ou apenas rótulo? Anais do Sciencult. Periódico UEMS v. 2 n. 1. Paranaíba, 2011.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** o paradigma do século 21. Inclusão: Revista da Educação Especial, Brasília: Ministério da Educação, p. 19-23 Out/2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>. Acesso em: 15 outubro 2015.

VALLE, L.E.L.R. Sono e aprendizagem. **Revista Psicopedagogia.** São Paulo, v. 26 n.80, 2009.